

Quatro

Bicho de Sete Cabeças

Em apenas alguns minutos os dois já tinham pego tudo o que precisavam. Não levariam roupas por razões óbvias, o que diminuiu bastante a bagagem.

Para a sorte deles, Eduardo tinha duas selas com um suporte maior para guardar pertences que foram compradas em uma de suas viagens pelo nordeste. Conseguiram por quase tudo que precisavam nelas.

Eduardo- Acho que dá para chamar isso de mochila de pôneis. - disse, logo após mostrar a Gabriel as selas.

Gabriel não respondeu, o que deu a impressão de ter concordado com a comparação.

Eduardo não estava tão preocupado com o fato de sair de casa até que seu amigo contar a história de Tâmara. Enquanto arrumavam as coisas, a pégaso amarela garantiu que todos que viu ao redor do prédio o ignoraram, mas isso não ajudava muito; se estivessem realmente loucos, poderiam "atacar" a qualquer momento e tudo que Gabriel teve foi apenas sorte até então.

Mas não havia muito o que discutir; ir a casa de alguém conhecido era o essencial.

Eduardo- É sempre a primeira coisa que fazem naqueles filmes de zumbis... ou isso ou buscar sobreviventes, mas a segunda alternativa é um grande problema. - falou enquanto discutia a ideia.

Gabriel- Ao menos em filmes de zumbis nós conseguimos diferenciar a quem devemos nos juntar.

Era a maior das verdades. Tâmara parecia perfeitamente normal, apenas um pouco avoada em seus pensamentos ou algo parecido e no fim se mostrou como inimiga. Não poderiam correr aquele risco de novo, ainda mais se estivessem em desvantagem numérica.

Gabriel- Eu sei que é muito difícil para um humano, mas um pônei deve aguentar galopar rapidamente quinze quilômetros.

Eduardo- Treze. - retificou.

Gabriel- Que seja. O ponto que quero chegar é que, se tudo der certo, podemos chegar lá em meia hora. - e foi em direção a porta de entrada da casa de Eduardo. - Quando eu abrir essa porta, a gente vai o mais rápido possível. Consegue me acompanhar?

Eduardo- Desde que você não use suas asas, acho que não será difícil.

Gabriel- Ah, não usarei; acho que isso tá bem claro, até.

Eduardo sorriu.

Eduardo- Você fala isso até ver o quanto será bom voar.

Ele se preocupou quanto a Gabriel sentir o tom de inveja que saía involuntariamente da frase, mas este não respondeu. Parecia pensativo.

Gabriel- Ah! Minha bermuda e meu boné. Onde estão mesmo... ah sim, a bermuda está na área de serviço. Vou pegar.

Eduardo- Para quê você quer essas coisas? Acho que a necessidade de usar roupas é discutível agora...

Gabriel- Ué, mas você tá usan...

Interrompeu logo quando observou o pônei vermelho. Este não usava nenhum tipo de acessório além das selas.

Gabriel- Oh... meu... Deus... - apresentou uma cara de aterrorizado. - eu não tinha percebido até então... se ainda pudesse chamar a polícia, te acusaria de atentado ao pudor.

Eduardo riu.

Eduardo- Em minha própria casa? O máximo que poderia fazer seria me processar por assédio sexual, mas eu não te fiz nada... vamos lembrar que você *também* está sem roupas.

Gabriel- Que *you mesmo* tirou, ou seja: eu poderia sim te processar. - a ironia era facilmente identificável.

Eduardo- Eu sou um garoto muito, muito mau... - hesitou quando percebeu a que nível estava chegando. - OK, acho que já estamos exagerando. Nem vou dizer o quanto homossexual isso tá ficando.

A pégaso amarela deu uma pequena risada. Eduardo não pôde esconder a felicidade que sentiu, não apenas pelo seu amigo estar rindo pela primeira vez desde que se encontraram, como também por poder ouvir a clara e confortante risada de Fluttershy.

Gabriel- Tá... me convenceu. A bermuda eu entendo que não precisa, mas faço questão do boné.

Eduardo- Pegue.

Como uma ordem, Gabriel foi em direção ao quarto logo em seguida.

Gabriel- Como seu despertador ainda tá ligado? - deu um grito de onde estava. Ou ao menos o máximo que Fluttershy conseguiria fazer ao tentar gritar.

Eduardo- Ah... quando a energia cai, ele passa a usar da bateria interna, mas essa bateria não dura muita coisa. Não deve ir muito além de uma ou duas horas.

Gabriel- Então vai ser útil.

Logo após seu amigo terminar de falar, Eduardo ouviu uma certa quantia de barulhos vinda do quarto. Gabriel chegou logo em seguida, com o boné em sua cabeça. Desta vez fizera o trabalho melhor e boa parte da crina estava realmente escondida, revelando apenas o final de uma das metades.

Gabriel- Então... vamos?

O pônei vermelho afirmou com a cabeça e abriu a porta. O trabalho foi bem menor que da primeira vez, mesmo que tivesse que usar os cascos.

O corredor estava assustadoramente vazio e silencioso, mas o que preocupou a dupla foi a observação de que eles conseguiam ver a porta de um dos apartamentos aberta. Não ficava apenas nesta; pelo menos mais dois estavam com suas portas escancaradas.

Eduardo- Isso não é bom... - falava o mais baixo possível.

Gabriel- Vou fechar a porta calmamente. - acompanhava o tom de voz de Eduardo. - Prepare-se para correr... se é que podemos usar essa palavra como pôneis.

Não precisou nem concordar, preparou-se automaticamente para a ordem; e assim faria, se não fosse interrompido por uma voz a sua direita.

?- Eduardo?

Quando olhou em sua direção, se deparou com um humano que não arriscava por muito além da cabeça a mostra, com uma porta quase fechada. Era um dos seus vizinhos, chamado Alexandre; suas feições lembravam muito uma versão morena, barbuda e mais gorda de Gabriel, ou ao menos do antigo Gabriel; a amizade entre ele e Eduardo não ia muito além de jogos virtuais em rede, normalmente nos fins de semana.

Provavelmente se Gabriel não tivesse contado a história da existência de mais humanos, Eduardo estaria agora cheio de perguntas, mas limitou-se apenas em responder o básico.

Eduardo- Sim, sou eu.

Alexandre- Ei, quer jogar um pouco de *Call of Duty*?

O pônei vermelho ficou confuso com a pergunta.

Eduardo- Você tá brincando... certo?

Alexandre- Oh! - demonstrou uma alegria repentina. - Graças a Deus você parece normal!

Abriu o resto da porta logo em seguida, indicando para entrar.

Alexandre- Não é seguro aí fora. - completou.

Gabriel apenas observava os dois. Como Eduardo seguiu o pedido de Alexandre, acabou seguindo-lhe também. O dono da casa fechou a porta logo em seguida, com pressa.

Alexandre- Espero que sua amiga também esteja normal. - disse, enquanto ia rapidamente para o seu quarto.

Eduardo simplesmente deu uma risada abafada, enquanto a pégaso amarela olhava para ele, visivelmente aborrecida.

Eduardo- Não é "amiga". É Gabriel.

Alexandre voltou na mesma hora e olhou espantado para a pônei, que até então nada tinha falado.

Alexandre- O quê?

Eduardo- É uma longa história...

Alexandre- Entendi... você já me conta. Preciso pegar uma coisa aqui.

Não demorou muito tempo no quarto. Trazia uma espécie de rádio que Eduardo logo identificou como um *walkie-talkie*.

Alexandre- Isso vai explicar porque agi tão cautelosamente com vocês.

Ativou uma opção de *play* presente no rádio. No início tudo que conseguiram ouvir foi uma bagunça de vozes misturadas e distantes, em que não era possível distinguir mais do que uma ou duas palavras avulsas, mas logo começaram a fazer sentido quando ouviram uma voz.

Walkie-talkie- Central, estamos com sérios problemas aqui, câmbio.

E entrou em silêncio, como se esperasse algum tipo de resposta. A voz era tipicamente masculina e era bastante nítido que estava longe do seu normal.

Walkie-talkie- *Central, repito, estamos com sérios problemas aqui, câmbio.*

Na segunda tentativa de comunicação com a suposta "central", era perceptível um leve tom de angústia de quem estava falando. Este se tornou claro na terceira tentativa.

Walkie-talkie- *Seja lá quem for que esteja aí... precisamos desesperadamente de ajuda! O Tomas... ele enlouqueceu. Ah... nem sei se sequer era o Tomas... estou suspeitando que seja ele por conta da voz, que era igual a dele. Mas...*

Entrou em silêncio. Instantes depois era possível ouvir uma respiração ofegante e a mesma voz completou sua auto interrompida frase.

Walkie-talkie- *...sei que talvez isso não faça sentido, mas ele era uma espécie de pônei... e tinha um maldito chifre no meio da testa! Ele até me reconheceu, mas agiu sem a menor empatia... aliás, ele até demonstrou empatia, mas não a que eu esperava. Diabos...*

Mais uma vez hesitou por um tempo antes de continuar.

Walkie-talkie- *Estou trancado aqui em um dos quartos de serviço... eu até poderia enfrentá-lo, mas o chifre dele... brilhava. E quando brilhava, ele conseguia mover coisas bem mais pesadas do que ele próprio para cima de mim... fui obrigado a segurar um armário com tralhas e que poderia me esmagar facilmente. Eu não sei o que deveria...*

Desta vez a interrupção não foi manual; os três conseguiram ouvir ao longe barulhos fortes de batidas e, mesmo que não pudesse ser identificado, a voz no *walkie-talkie* fez a questão disto.

Walkie-talkie- *Ele está aqui... se alguém estiver me ouvindo, peço ajuda. Câmbio e desligo.*

A gravação terminou logo em seguida. Os dois pôneis olharam para Alexandre, como se pedissem uma explicação e este percebeu.

Alexandre- Não, eu não sei muito além do que vocês. Eu liguei essa coisa logo após a falta de luz e lembro o horário por exato: eram sete e doze da manhã.

Gabriel- Foi o mesmo horário que faltou por lá. - disse a primeira coisa desde que entrou na casa.

Eduardo- Espera aí, Alex. Você não dormiu?

Alexandre- Você sabe que na sexta eu não durmo cedo, Eduardo. - e mostrou um sorriso. - Quando faltou luz, eu achava que era uma falta comum e fui dormir. Só que esqueci esse rádio ligado e comecei a ouvir esse pedido de ajuda.

Eduardo- O pedido de ajuda foi diretamente a você?

Alexandre- Não. Provavelmente ele acidentalmente mudou a frequência para a mesma que eu estava usando. Há uma parte que ele falou antes que pudesse gravar, mas eu anotei. Ele se identificou e identificou o local. Tá aqui nesse papel... - e desembulhou um papel de sua mão. - "Fábio Silveira" e ele dizia estar na sede da Coelba do Cabula.

Eduardo logo assimilou os detalhes. No bairro do Cabula ficava uma das maiores sedes da Coelba, que era a responsável pela energia não só de Salvador, como a de todo o estado da Bahia.

Gabriel- Um unicórnio, hein?

Alexandre- Hã? - olhou para o amigo de Eduardo e fez a pergunta mais por instinto do que por realmente não ter entendido.

Gabriel- Um unicórnio. O Fábio falou que o Tomas tinha um chifre, logo, era um unicórnio.

Alexandre- Então há uma separação oficial para esses pôneis? Achei que os detalhes adicionais eram *just for show*.

Eduardo- Pôneis como eu não tem asas nem chifres. São os terrestres. Gabriel é uma pégaso. - a adição do 'a' para indicar o feminino, causou um súbito olhar de Gabriel. - Um pégaso. - corrigiu quando percebeu a ação. - Esses tem asas e não são para se mostrar, servem realmente para voar... os unicórnios tem um chifre e tal chifre serve para fazer magia... o que Fábio descreveu, o tal "brilho", era a mágica em execução. Provavelmente foi dessa forma que ele tentou, se é que posso dizer, matá-lo.

A explicação foi útil até mesmo para Gabriel que, apesar de já saber quase todos esses detalhes, não tinha uma noção de quanto a magia dos unicórnios poderia chegar.

Alexandre- E os pôneis terrestres?

Eduardo- Bem... eles...

Gabriel- Eles galopam.

E começou a rir. Alexandre acompanhou logo quando entendeu a ironia da sentença.

Eduardo- Engraçadinho...

Gabriel- Bom, - ainda estava rindo. - convenhamos que você também não sabe as vantagens dos terrestres... mas enfim, não é essa a questão... o que me chamou atenção foi que o tal do Tomas era um unicórnio, porque Tâmara também era uma.

Eduardo percebeu a relação quando seu amigo fez a comparação.

Eduardo- Então... apenas os unicórnios que ficaram loucos?

Gabriel- É a mim que pergunta? Pode ser uma simples coincidência, nada mais.

Alexandre- Possa ser que eles tenham a tendência a ficarem mais loucos... não sei, não me atrevi a sair. - ficou em silêncio, mas demonstrava que ainda queria falar alguma coisa e os dois pôneis respeitaram. - Nem mesmo dormi. Quando percebi que a energia não voltaria tão cedo, eu simplesmente olhava para a janela e verificava o *walkie-talkie* de vez em quando... nada novo. - mais uma interrupção de alguns segundos. - Eu... eu ouvi uns barulhos bem estranhos do lado de fora, se não me engano eram umas oito e quinze... e não eram barulhos agradáveis... desde então estou preso aqui e arrisquei a por a cara para fora naquela hora que ouvi barulhos mais suaves... eram vocês. - e mais uma hesitação. - Afinal, onde estavam indo?

O pônei vermelho explicou tudo o que tinha acontecido até então, às vezes ajudado e corrigido por Gabriel, que não fazia muita questão de um papel maior nesse ponto. Por um tempo Alexandre apenas ficou em silêncio, reflexivo; os dois pôneis esperaram calmamente por sua reação, que veio alguns instantes depois.

Alexandre- Acham mesmo que isso é uma boa ideia?

Eduardo- Não acho que temos muitas disponíveis.

Gabriel- E de qualquer forma, Ribeira também fica em um ponto isolado da cidade. Estando lá, teremos menos chance de sermos "atacados" - fez questão de fazer as aspas com os cascos. - ou seja lá o que for que aconteça.

Alexandre- Sim, mas vocês também tem maiores chances de serem *cercados*. Pensaram nisso também, não é?

Nenhum dos dois responderam por um tempo, como se estivessem buscando um contra-argumento para o pensamento de Alexandre.

Gabriel- Bom... é melhor do que ficarmos se trancando covardemente em um apartamento.

Seu volume de voz caiu quando chegava no fim de sua fala, quase como se arrependesse do que dissera ainda enquanto realizava o ato. Isto causou uma grande semelhança com a Fluttershy original e Eduardo notou.

Alexandre- Olhem, façam o que quiser. - não se mostrava ofendido, apesar de tudo. - Mas vamos fazer o seguinte; eu tenho outro *walkie-talkie* desse. Vou pegar e configurar na mesma frequência, então bastará a vocês a apertarem o botão principal caso queiram falar. Tudo bem?

Os dois concordaram com gestos e Alexandre foi em direção ao seu quarto logo em seguida. Desta vez demorou alguns minutos, mas voltou com outro rádio exatamente igual ao que usara para mostrar a gravação de Fábio, acompanhado de uma pequena sacola de papelão.

Alexandre- Certo, a frequência está ok, só que esse rádio usa uma pilha tamanho D. - Eduardo e Gabriel fizeram uma leve expressão de desaprovação. - É, eu sei. Por isso mesmo coloquei mais quatro pilhas nessa sacolinha aqui e vocês substituem quando for necessário... além de ser essa pilha fora de comum e gigante, ela também não dura muito tempo, então vocês devem ligar essa coisa a cada intervalo de tempo.

Eduardo- Intervalo de quanto?

Alexandre- Acho que a cada duas horas está de bom tamanho. Como sei que podem acontecer emergências, liguei em um intervalo menor, mais ou menos como já estou fazendo. Deixem sempre ligado por pelo menos cinco minutos; ele estará em *stand by* e não será um problema para a duração da bateria...

Gabriel- Bom, - estava pensativo. - podemos também pegar baterias dessas em mercados ou qualquer lugar que as tenha.

Eduardo- Se tudo lá fora estiver tão ruim como penso que está, é o que mais penso em evitar.

Todos os três ficaram em silêncio por um tempo. Gabriel tirava a bateria do *walkie-talkie* e guardava na bagagem de sua sela, enquanto Alexandre apenas observava Eduardo, com uma fixação que deixava o pônei de pelagem vermelha até mesmo constrangido.

Eduardo- O que foi? - finalmente perguntou.

Alexandre- Nada... só estou tentando imaginar como é ser um pônei...

Gabriel- Se isso for uma espécie de vírus, vai saber isso em pouco tempo.

E fechava a bagagem com suas asas, coisa que o dono da casa olhava e admirava.

Alexandre- Espero que eu tenha asas então... além de poder usar elas como mãos, ainda poderei voar. Isso parece ser muito foda.

Gabriel- Só não ser um terrestre, porque ser terrestre é barril*.

Mais uma vez os dois riram e Eduardo mostrou a mesma expressão de aborrecido que na primeira vez.

Eduardo- Basta estarmos com alguém e você vira comediante...

Gabriel- Relaxe, man... estou brincando.

Eduardo- Tenho sérias dúvidas quanto a isso.

Os dois pôneis se dirigiram à porta da frente e esperaram Alexandre abrí-la.

*termo baiano para indicar algo complicado, tenso ou indesejável.

Alexandre- Me mantenham informado. - abriu a porta logo em seguida.

Eduardo- Não quer vir conosco?

Alexandre- Não conseguiria acompanhar vocês... e nem vou falar quanto a montar.

Gabriel- Não fale mesmo, por favor.

Apesar do tom humorístico de Gabriel, desta vez ninguém riu. Quando se depararam com a porta aberta e perceberam que deveriam se preparar, a seriedade da situação parecia bem mais importante do que qualquer tipo de piada.

Eduardo e Gabriel despediram-se dele e, exatamente como planejaram antes de encontrar o vizinho humano, galopavam a toda velocidade. Não havia como medir a velocidade, mas era, de fato, muito mais rápido do que qualquer humano conseguiria utilizando somente seus próprios pés. Havia vantagens em ser um pônei, afinal.

Não precisaram mais do que dois minutos para descer todos os treze andares. Como descer os degraus era algo bem arriscado, preferiram pular a maior parte deles; ao menos foi assim que Gabriel imaginara que Tâmara teria conseguido tropeçar daquela forma quando o perseguiu.

Também não havia ninguém no *playground*, onde deveriam supostamente encontrar pelo menos o porteiro. Não surpreendia a eles que ninguém queria trabalhar naquele dia, mas também nada conseguiam ver na rua.

Eduardo lembrara que o carro capotado de cabeça para baixo estava em frente a portaria do seu prédio quando observou o horizonte pela sua janela; este permanecia exatamente no mesmo lugar. Não havia sinal algum de alguém preso e nada mais que algumas gotículas de sangue visíveis entre as janelas quebradas, fato que indiretamente diminuía a intensidade do acidente.

Quando estavam na rua, não havia sinal de vida em nenhum dos dois lados. Indo para o lado contrário, era possível de ver o automóvel branco que estava capotado pela metade, mas Eduardo nem se atreveu a chegar perto; além de ser contra-mão para onde pretendiam ir, tinha medo do que encontraria.

Os dois concordaram que era melhor irem pela orla; apesar de não ser o caminho mais curto, seria o mais seguro; qualquer acontecimento e eles teriam uma chance bem menor de serem cercados. Até chegarem no litoral, Eduardo percebeu que passou por algumas das ruas em que haviam grupos de pôneis visíveis a distância, mas agora estavam completamente desertos.

Eduardo- Isso não é bom.

O pônei vermelho espantou-se como não demonstrava absolutamente nenhum sinal de cansaço, mesmo que estivesse galopando em alta velocidade por uma quantia considerável de minutos.

Gabriel- Acho que na situação em que tudo está, o bom seria que não encontrássemos *ninguém* no caminho.

Não tinha como discordar daquela afirmação; deparar-se com estranhos era o que menos desejava naquele momento.

Ainda passaram rapidamente por ruas comerciais do bairro em que praticamente todas as lojas com vitrines expostas estavam quebradas e possivelmente saqueadas. "É incrível como o ser humano sempre acha alguma desculpa sempre que é possível para esse tipo de coisa", pensou Eduardo e tinha certeza que Gabriel concordaria se dissesse aquilo em uma situação mais calma.

O sol já estava bem alto. O pônei vermelho não tinha nada parecido com um relógio, mas pela posição da estrela, tinha a certeza que já passava do meio-dia. Também se impressionou que, mesmo com a esfera gigante brilhando incessantemente lá em cima, não sentia nenhum tipo de desconforto ou simplesmente calor. Pensou que tudo aquilo era por conta de ser o amanhã de um dia tempestuoso, porém não tinha como comprovar tal teoria naquele momento.

Sua mente agora se preocupava quanto a encontrar alguém indesejável. Sabia que encontrar estranhos seria inevitável, então simplesmente passou a desejar que não acontecesse tão rápido.

Suas preces não foram atendidas.

Em frente ao Parque de Costa Azul, localizado próximo da orla, eles tinham a visão de um grupo de pelo menos uns seis pôneis. Aquilo não seria problema, se o descobrimento não fosse recíproco.

Gabriel- Vixe... eu acho que eles nos viram; se prepare para fugir.

Eduardo- Não precisa nem falar duas vezes.

Passaram a seguir pela contra-mão do planejamento inicial. Corriam a toda velocidade, ainda mais rápido do que já estavam.

Não foi o suficiente.

Foram surpreendidos por um pégaso que fizera nada mais que o óbvio para alcançá-los: voou. Por um instante pararam e se limitaram a observar o novo pônei que estava voando na frente deles, com uma expressão cautelosa.

Gabriel- Plano B.

Eduardo- Separar?

Gabriel- Separar.

Começaram a galopar em direções opostas, o que foi o suficiente para deixar o pégaso confuso pelo tempo necessário para que fosse impossível de cercar os dois simultaneamente.

Ainda demorou alguns segundos para que o estranho fosse em direção a Gabriel; e foi a última coisa que Eduardo conseguiu perceber, até ser cercado por outro pégaso que também optara pelo vôo.

Eduardo- Ah... merda.

Parou e limitou a observar o intruso do seu caminho. Mostrava a mesma expressão que o outro pégaso que tinha ido atrás de Gabriel, mas não fazia muito além disso.

O pégaso que insistia em bloquear Eduardo tinha a pelagem azul marinha. A íris apresentava a cor azul, um pouco mais clara que os pêlos. Sua crina era como um penteado forte para trás, o que lembrava um corte famoso da década de 80, e tinha um tom castanho. Suas asas eram proporcionalmente do mesmo tamanho que as de Gabriel.

Ao dar uma breve olhada para trás, percebeu que Gabriel recuava até onde estava. O outro pégaso também havia bloqueado o seu caminho e, até então, a pégaso amarela não fez muita questão de reagir. O suposto amigo do intruso de Eduardo tinha a pelagem branca, tão alva que até mesmo ofuscava se o observasse por muito tempo com aquela iluminação solar. Sua íris era exatamente o oposto: negra como a mais escura das noites. A crina tinha o diferencial de todos que já tinha visto até então: era verde escura e arrepiada.

A versão da vida real de Fluttershy continuava a recuar e permaneceu realizando este ato até se esbarrar de costas com seu amigo. Poderiam até se separarem novamente, mas não era isto que planejavam.

Gabriel- Plano C?

Eduardo- Ah, eu detesto o plano C...

Gabriel- Somos dois... também não sei como está minha força neste corpo feminino, mas acho que não temos outra escolha.

Eduardo assentiu. Sentou no chão e levantou os cascos da frente, ainda meio desengonçado.

?- Espero que não tentem nada engraçadinho. O que menos quero é brigar a toa.

A voz chamou a atenção dos dois, que tinham a visão de um unicórnio de cor salmão. Sua íris era verde escura, a sua crina loira e parecia estar arrumada como se tivesse utilizado algum tipo de gel. Havia mais três pôneis atrás, mas não conseguiam distinguir suas características, não só por estarem prestando atenção ao unicórnio, como também por estes se localizarem a uma grande distância.

Unicórnio Salmão- Certo, agora tentarei ser razoável. Quem são vocês e para onde estavam indo?

Eduardo- E por que acha que falaríamos isso para você?

Unicórnio Salmão- Porque, mesmo que consigam fugir, terão que ser mais rápidos que dois pégasos e mais fortes que a magia de um unicórnio. Se acham que conseguem, adoraria ver isso.

Aquele argumento foi o suficiente para "desarmar" Eduardo e Gabriel. Não apenas por fazer sentido, mas também por ele parecer normal, diferente de Tâmara e do desconhecido Tomas.

Unicórnio Salmão- Acreditem, eu não quero fazer mal nenhum a vocês... na verdade quero comprovar se estão norma... - algo que vira o interrompeu. - essa... essa *cutie mark*...

Sua visão era fixa em Gabriel, que apenas retribuía sem palavras. Após alguns instantes de análise, o unicórnio voltou a se pronunciar.

Unicórnio Salmão- Não é possível... Fluttershy?

Ouvir aquele nome sair de uma boca, além da sua própria, foi o suficiente para causar um sorriso sincero em Eduardo.